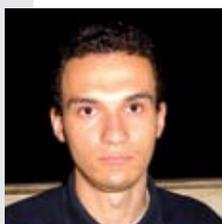


Ciência e não ciência da Contabilidade

Por Rodrigo Antônio Chaves da Silva

O movimento que diz que a Contabilidade é uma não ciência, desconhece aquilo que é fundamental na sua filosofia: objecto e finalidade; como objecto, o património, e como finalidade, a orientação analítica para uma excelente administração.



Rodrigo Antônio Chaves da Silva
Contador
Membro da Associação Científica
Internacional Neopatrimonialista
Clube Tablero Comando de
Balanced Scorecard da Argentina

À medida que os homens afluíram a sua imaginação na explicação dos factos que lhe promoviam a indagação, surgia a ciência.

Vemos que a ciência possuiu uma primeira fase derivada da prática, que depois se desenvolveu para o estado mitológico - iniciado com Homero e Hesíodo -, até a magnificência da razão.

Mas, percebe-se que desde Tales de Mileto (640-548 A.C.), os bons espíritos procuraram interpretar as verdadeiras coisas, nas suas causas e efeitos. Tales pensava que tudo era água e tinha neste elemento uma origem. A razão deve ser pura como a água. E a ciência provém da razão.

Platão, Aristóteles e Xenofonte foram os grandes nomes da filosofia antiga, que se divide na vida de Sócrates.

A religião cristã há dois mil anos produzia forte relação nos estudos das coisas sobrenaturais, desenvolvendo o conhecimento que chamamos de teologia, cujos sintomas vemos nas primogénitas culturas humanas. Foi a partir do século XVI, porém, com a revolução Galileana, que a ciência passou a desenvolver-se com mais segurança.

Não se pode deixar de recordar os nomes de Bacon (1713-1784), no campo do conhecimento proveniente da experiência, e Kant (1632-1724), com a preconização da razão mental sobre a prática, que marcaram a época, na qual os esforços para o conteúdo do pensamento passaram a existir.

Assim, se moldava aquele conhecimento que sempre estudou o comportamento das riquezas das células sociais que era a Contabilidade. Primeiramente, ela era tida so-

mente como registo e informação, só depois foi reconhecida como ciência imortal, pela obra de Coffy chamada: «La Tenue des Livres à parties doubles» publicada em 1834, e comentada por Costay, membro da Academia de Ciências da França, instituição onde foi apresentada e defendida (Ver: D'auria, Francisco, «Contabilidade Integral», Conferência Interamericana de Contabilidade. São Paulo: FCE. 1954).

Sabedoria, conhecimento e ciência

O património foi, em essência, a preocupação maior do conhecimento contábil.

Portanto, a Contabilidade passava a ser ciência, quando era a conhecida como razão voltada para analisar, e explicar o seu objecto: o fenómeno patrimonial.

Não é a conta, a informação, as demonstrações contábeis, o objecto da Contabilidade, todavia, os fenómenos, tal como a Química, Física, Geologia, Paleontologia, Biologia, Astrologia, Sociologia e demais ciências também estudam.

Hermes é o Deus da sabedoria e incrivelemente, o simbolista mitológico da Contabilidade, não pelo facto dela ser uma técnica, mas, antes de tudo, e, sobretudo, porque ela é uma razão explicativa dos fenómenos patrimoniais, portanto, uma sapiência divina e superior.

E não seriam os “factos administrativos”; muito menos os assuntos voltados para a organização aziendal - apesar de poderem ser estudados também pela Contabilidade -; nem mesmo as relações jurídicas ligadas com as posses de riquezas, mas, mormente, aqueles acontecimentos, que promovem movimentos e variações, chamados de “fenómenos patrimoniais”. Mas, ainda existem os que consideram a Contabilidade uma não ciência.

Os que assim a consideram, nesta infeliz conceituação, são aqueles que acreditam na prática contábil acima do estudo dos fenómenos, ou melhor, crêem que a riqueza é o meio para informar e não o contrário.

Aqueles que consideram a Contabilidade uma ciência, como realmente é, comprovada pela evolução do pensamento humano, e ostentada de modo

mais veemente com a obra de Coffy, afirmam que ela estuda os fenómenos classificados como patrimoniais, e que o contador é o profissional gerencial, e não um técnico singular que escreva contas.

O movimento que diz que a Contabilidade é uma não ciência, desconhece aquilo que é fundamental na sua filosofia: objecto e finalidade; como objecto o património, como finalidade a orientação analítica para uma excelente administração.

Masi (1879-1977), portanto, classificava os partidários teóricos da Contabilidade em dois grupos: «De uma parte estão aqueles que a consideram *ciência*, da outra parte, os outros que a consideram *não ciência*, e também arte, ou francamente uma técnica da arte das contas» (MASI, Vincenzo. «Os fenómenos patrimoniais como objeto da Contabilidade». Revista Paulista de Contabilidade. São Paulo: SCSP, n.º 423, 1968.p. 38.

O *itálico* é do autor).

É o desconhecimento «do que é uma ciência», que cria a ideia da Contabilidade ser uma “não ciência”. Por sua vez, é o conhecimento que caracteriza uma ciência.

A sabedoria é sinónimo de conhecimento.

Hermes é o Deus da sabedoria e, incrivelmente, o simbolista mitológico da Contabilidade, não pelo facto dela ser uma técnica, mas, antes de tudo, e sobretudo, porque ela é uma razão explicativa dos fenómenos patrimoniais, portanto, uma sapiência divina e superior. ■

(Texto recebido pela CTOC em Março 2007)

